

O **Texto I** (abaixo) é um trecho da entrevista que o lingüista Mário Perini deu à revista *Com Ciência*. Leia-o com atenção.

Texto I

“**Com Ciência** – No artigo que o senhor escreveu para a revista *Ciência Hoje*, o senhor afirma que a maioria dos empréstimos estrangeiros desaparece, e os que ficam são assimilados. Como se dá esse processo que leva à inclusão de alguns termos no léxico e ao desuso de outros? E no caso da inclusão, que tipo de transformação ocorre antes de um termo estrangeiro ser incorporado no léxico da nossa língua?

Mário Perini – O processo de assimilação de certos itens e eliminação de outros é complexo. Primeiro, certos empréstimos desaparecem porque a coisa que designam cai de moda ou se torna obsoleta. Exemplos são *ban-lon*; *boogie-woogie*; *mi-mollet*, *lansquenete* e muitos outros que você provavelmente nem conhece. Outros empréstimos são substituídos por formações vernáculas: *goal-keeper* hoje é goleiro; *corner* é escanteio; *off-side* é impedimento etc. Ainda outros ficam, mas são graficamente assimilados, de maneira que nem se sabe que são estrangeiros: gol (*goal*); nocaute (*knock-out*); batom (*bâton*); marrom (*marron*) e muitos outros.

Esses três processos dão conta da grande maioria dos termos estrangeiros. Fica uma quarta categoria, que não se assimila graficamente (embora assuma sempre pronúncia portuguesa): *impeachment*, *site*; *off* (desconto), *nylon*, etc.

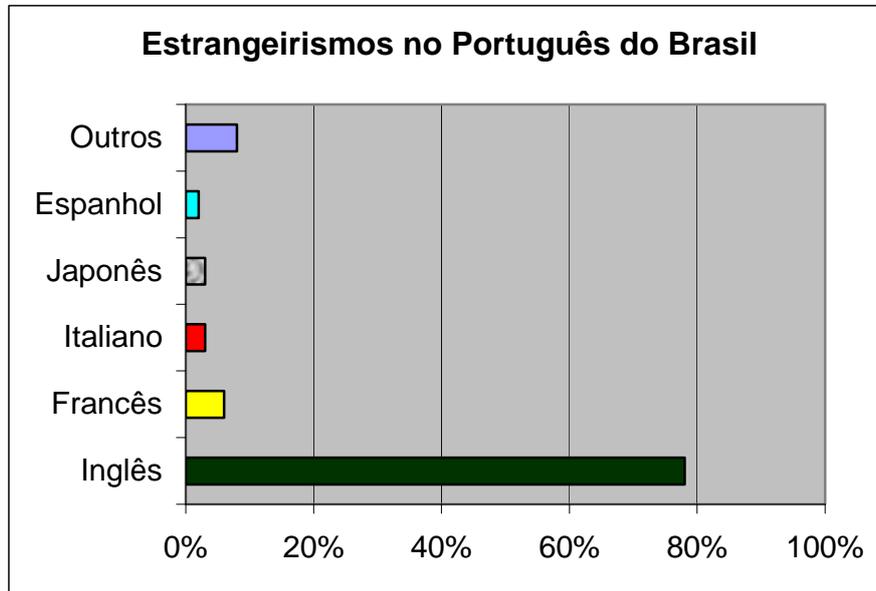
São esses últimos os verdadeiramente irritantes. A maioria é muito recente, e não se sabe se vão acabar sendo assimilados ou eliminados de uma maneira ou de outra. Alguns deles persistem porque não têm equivalente em português: não se falava de *site*, *e-mail*, *marketing* até que as coisas propriamente ditas entraram na nossa conversa. Alguns, bem ou mal, já se assimilaram: salvar (alguma coisa no computador); *deletar*; e o próprio computador (em italiano ainda se diz *computer*).”

(Disponível em: < www.novomilenio.inf.br/idioma/20020102.htm>, postado em 2/1/2002 para a lista de debates Idioma pelo internauta Xexéu, então aluno do curso de Letras da Universidade Católica de Santos.)

- 1) Mário Perini descreve três processos pelos quais passam as palavras estrangeiras ao serem assimiladas pelo Português do Brasil. Com base no trecho lido, **indique**, no quadro abaixo, **esses três processos**. Na coluna da direita, **cite 2 (dois) exemplos** que identificam **cada um** dos processos.

Processo 1	Exemplos
Processo 2	Exemplos
Processo 3	Exemplos

- 2) Observe o gráfico abaixo, modificado no formato, com base nos dados publicados no site www.fflch.usp.br/dlcv/neo/Dados_quantitativos.htm.



Utilizando os dados do gráfico acima, comente a presença dos estrangeirismos no Português do Brasil.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO.

3) Leia, abaixo, a continuação da entrevista de Mário Perini.

Texto II

“(…) Vou dar um exemplo: na Irlanda a influência inglesa é predominante desde a Idade Média. Por volta de 1600, metade da Irlanda pertencia a donos ingleses, e toda a ilha era uma colônia britânica. Além disso, o irlandês é uma língua dividida em dialetos, e sem prestígio, quase sem literatura nos tempos modernos, e chegou a ser falada por cerca de 3 milhões de pessoas no máximo. O inglês está ali do lado, a 50 km, e é a língua mais difundida do mundo. Apesar disso, o irlandês resistiu até hoje. É verdade que está morrendo, mas agüentou uns bons 600 anos, nessas condições extremamente desfavoráveis.”

Utilizando o exemplo da Irlanda, Mário Perini menciona alguns fatores geográficos, lingüísticos e culturais que podem levar uma língua a ser fortemente influenciada por outra ou até mesmo substituída por ela. **Cite e comente**, com suas palavras, **3 (três) desses elementos mencionados**.

Fator 1:

Comentário:

Fator 2:

Comentário:

Fator 3:

Comentário:

Leia, com atenção, o **Texto III**, um trecho selecionado da entrevista realizada por Eder Parladore com o lingüista José Luiz Fiorin, professor da Universidade de São Paulo (USP), **para responder às questões 4 e 5.**

Texto III

Em defesa de uma língua moderna

O lingüista José Luiz Fiorin, 52 anos, é um dos mais respeitados do país. Nessa entrevista, concedida com exclusividade ao repórter Eder Parladore na sexta-feira, antes de voltar para São Paulo, ele soltou a própria língua e rasgou o verbo. Para Fiorin, a língua é regulamentada pelo uso que as pessoas fazem dela, e não por instrumentos legais nem pelo dicionário. Ele diz que uma língua moderna, em constante evolução, permite uso de estrangeirismos, e que o brasileiro tem apego à própria língua, caso contrário programas que tratam do assunto na televisão não teriam sucesso.

Folha da Região — O país comemora os 500 anos de descobrimento. Qual a sua análise sobre a trajetória da língua portuguesa no Brasil durante esse tempo?

José Luiz Fiorin — O mais interessante é que não temos hoje nenhuma subordinação lingüística a Portugal. As línguas variam no espaço, mesmo dentro do Brasil. O falante do Rio Grande do Sul não fala como o falante do Nordeste ou de São Paulo. No caso do Brasil, a trajetória da língua portuguesa é interessante porque nos separamos radicalmente dos padrões lingüísticos falados em Portugal. Temos hoje uma quase língua brasileira, que é diferente do português europeu, o que indica que na nossa trajetória não houve só independência política de Portugal, mas lingüística também.

FR — O sr. acredita que o brasileiro tem consciência da importância e do papel da língua portuguesa?

Fiorin — Tenho ouvido na mídia, com freqüência, que o brasileiro não fala bem o português. Isso não é verdade. O que temos é uma crise da norma culta na sua modalidade escrita. É um problema de escola, não de falta de apego à língua portuguesa. Acho que o sucesso de programas de televisão sobre a língua portuguesa, que nem sempre mostram o funcionamento real dela, mas insistem em prescrições já arcaicas, indicam que o brasileiro tem apego à língua portuguesa, tem consciência. Essa história de que a língua portuguesa está decaindo não é verdade. As línguas não decaem, nem progridem, apenas mudam. Se a língua fosse algo fixo, estaríamos falando latim, e não português.

FR — Qual a importância da língua para a cultura?

Fiorin — É o elemento central de acesso à cultura. É um possante meio de transmissão do conhecimento, um instrumento da arte literária e o que podemos chamar de interpretante das demais linguagens. Ou seja, uma coisa que aparece visualmente, eu posso contar verbalmente. No entanto, eu não posso fazer o contrário. Nem tudo que eu digo com palavras, eu posso apresentar de maneira visual. A língua é o principal sistema de significação com a qual o homem constrói a cultura. Por isso, é lamentável que a situação de ensino da língua portuguesa esteja tão ruim, porque com isso vedamos o acesso de pessoas a determinados bens culturais produzidos no mundo.

(...)

FR — Qual o papel do dicionário: é um regulamentador da língua?

continua ...

Fiorin — Isso é interessante. Alguns desses gramáticos que têm programas de televisão e escrevem nos jornais dizem que a língua deve ser regulamentada pela gramática e pelo dicionário. Isso é impossível. O que regulamenta a língua é o uso. O dicionário é uma coleta de usos da língua. E, portanto, não é o dicionário que regulamenta a língua. É o contrário. O dicionarista é um mapeador dos diferentes usos da língua numa determinada época.

FR — O que o sr. acha da presença de estrangeirismos na língua portuguesa no Brasil? É preciso evitar?

Fiorin — O deputado federal Aldo Rebelo, líder do PC do B na Câmara, apresentou um projeto que se chama “Promoção, Defesa e Proteção do Idioma”. Nesse projeto, o deputado pretende que a publicidade deixe de usar palavras de língua estrangeira. Ora, o léxico de uma língua é formado de palavras vindas de todas as procedências. Hoje, dizem que temos uma invasão do inglês. No começo do século, diziam que era do francês. Na época, os puristas propuseram uma porção de vernáculos para substituir as palavras de línguas estrangeiras, que não pegaram, como chamar futebol de ludopédio. Contraria a natureza da língua essa regulamentação por lei. É o uso que faz a língua. É claro que do estrito ponto de vista comunicacional, não é admissível colocar “delivery” ao invés de “entrega em domicílio”. Agora, do ponto de vista da conotação da modernidade, o uso do inglês tem um sentido ligeiramente diferente. “Entrega em domicílio” conota todas as tradições brasileiras, enquanto “delivery” conota a modernidade, a eficiência. E a gente não pode ignorar essas coisas, fazendo uma lei que determine o que as pessoas vão falar, assim ou assado.

FR — A última edição do dicionário Aurélio traz palavras provenientes da informática, como deletar. Qual a sua opinião?

Fiorin — Eu acho um pouco estranho que usemos ataxar ao invés de anexar, ou que usemos inicializar. Mas o caso de deletar é mais gozado ainda, porque é uma palavra de origem latina que está no inglês. Em latim, “delere” significava destruir. E daí, nós temos a palavra indelével, ou seja, aquilo que não pode ser apagado. Nós, que falamos uma língua latina, estamos recebendo do inglês uma palavra de origem latina. É irônico. Mas adianta eu dizer fica proibido o uso da palavra deletar? Não é assim. Deletar não significa hoje o mesmo que apagar. Deletar é fazer desaparecer o que está escrito somente no computador. Não posso dizer deletar para apagar algo escrito a lápis. A língua não vai superpondo palavras. São elas que vão ganhando sentidos diferentes.

FR — Como o sr. avalia as estratégias de alguns países de proteger as suas línguas? Em Portugal, as pessoas só podem escolher para os filhos nomes que constem de uma lista específica, para evitar o uso de nomes estrangeiros.

Fiorin — Por que os nomes próprios no Brasil são tão variados? Isso não acontece em nenhum país europeu, que tem um conjunto de nomes tradicionais. A língua depende da história de cada povo. Portugal é um país europeu, antigo, homogêneo. Nós recebemos imigrantes de todos os lados. Portanto, nós juntamos todos os nomes de todas as colônias imigrantes. Como é que eu posso impedir a história desse país? O Brasil é um país de imigrantes, portanto, o conjunto de nomes próprios tem que refletir a sua história. A língua é o seu povo, explica a cultura do seu povo. Há um caso interessantíssimo, na época em que fui professor de português na Universidade de Bucareste, na Romênia. Durante o regime comunista, foi proibido o uso dos pronomes de tratamento. Não se podia dizer “vossa excelência”, “vossa senhoria”. As pessoas deviam dizer “camarada”. Desaparecido o regime, voltou o uso dos pronomes de tratamento como se nada tivesse acontecido, porque é impossível regulamentar a língua.

Disponível em: <www.portrasdasletras.com.br>



4) Fiorin defende, nessa entrevista, a tese de que há uma **estreita relação entre a língua e a história e a cultura de um povo.**

- a) **Selecione**, do texto lido, **os argumentos** utilizados para defender essa tese no Português do Brasil.
- b) **Mencione 2 (dois) exemplos** dados pelo lingüista para ilustrar essa relação.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO:

5) José Luiz Fiorin discute, nessa entrevista, o papel do dicionário e das leis para regulamentar o uso da língua por um povo. **Resuma**, no espaço abaixo, **a opinião do lingüista** sobre esses instrumentos reguladores, **fazendo referências ao texto lido.**

- 6) No final do mês de setembro, o governador José Roberto Arruda fez publicar um decreto “demitindo o gerúndio”. Leia, com atenção, um trecho da notícia.

Texto IV

“(…) o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, encheu-se de coragem e demitiu o gerúndio – isso mesmo, o tempo do verbo que se tornou uma praga principalmente no serviço público e nos serviços de *call center* – de todos os órgãos da administração pública da capital.

O inusitado decreto, que tem quatro linhas em quatro artigos, foi assinado pelo governador Arruda no dia 28, a última sexta-feira. Foi publicado nesta segunda na página 19 do Diário Oficial do Governo do Distrito Federal.

O decreto é claro logo em seu artigo primeiro: ‘Fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal’. E o artigo segundo do decreto continua firme no ataque ao tempo do verbo, ligando-a à deficiência verificada no serviço público: ‘Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de ineficiência’. (…)

De uns tempos para cá – principalmente pela influência da língua inglesa, que o utiliza muito – a burocracia das repartições públicas e os funcionários de *call center* passaram a usar e a abusar do gerúndio, desgastando-o sobremaneira. Não há quem não tenha ouvido nestes locais locuções como ‘eu vou estar transferindo o senhor’, ‘nós vamos estar providenciando’ e assim por diante, sempre com muito exagero do uso do gerúndio.”

Agência Estado, 2 de outubro de 2007, disponível no site <www.uol.com.br>.

Com base no texto lido, analise a eficiência de um decreto para regular o uso da língua por seus falantes/escritores. **Expresse sua opinião** a respeito do decreto do governador Arruda, **argumentando** adequadamente.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO.

7) Leia o fragmento abaixo.

“Deste modo, deu-se no seio da cultura européia uma espécie de experimentação, cujo resultado foram as literaturas nacionais da América Latina no que têm de prolongamento e novidade, cópia e invenção, automatismo e espontaneidade. E elas foram se tornando variantes de tal modo diferenciadas das literaturas matrizes que, já nos últimos cem anos, chegaram nalguns casos a influir nelas.”

(CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In:____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003, p. 165.)

Considerando o trecho selecionado acima e o ensaio de Antonio Candido como um todo, explique a metáfora presente no título “Literatura de dois gumes”.

8) Leia o fragmento abaixo.

“(…) o que houve não foi a fusão prévia para formar uma literatura, mas modificações do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo.”

(CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In:____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003, p. 165.)

Explique a tese central de Candido, ou seja, o que houve no Brasil foram “modificações do universo de uma literatura já existente”.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO OFERECIDO.

- 9) Segundo Antonio Candido, no texto "Literatura de dois gumes", foi possível para os autores da primeira metade do século XIX resgatar o índio como "antepassado simbólico justificador tanto da mestiçagem quanto do nativismo (...) porque sua evocação **não tocava no sistema social**". **Explique por que** o mesmo não poderia ser feito com o negro.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO.

- 10) Leia, a seguir, o fragmento da obra *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, e responda aos itens **a** e **b**.

"(...) mas a mulher da limpeza não está, deu a volta e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando o é, é."

(SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.)

- a) **Informe o episódio** da obra a que o trecho selecionado se refere.

- b) **Explique a importância dessa personagem (a mulher da limpeza) para a realização do projeto do homem** no que se refere à procura pela Ilha Desconhecida.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO OFERECIDO.



11) Leia o fragmento abaixo de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, e responda aos itens a e b.

“– Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.”

a) Informe o episódio da obra a que o trecho selecionado se refere.

b) Explique a relação entre o episódio informado na letra a e a fala final de Seu José, mestre carpina, a Severino.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO OFERECIDO.

12) Aponte e comente 3 (três) traços marcantes dos textos que compõem o livro *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade.

1.	
2.	
3.	